



Prece de Natal para a infância brasileira

Christmas prayer to the brazilian childhood

Prece recitada pelo professor José Pires, na Confraternização Natalina dos professores do Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no dia 10 de dezembro de 2008.

Marta Maria de Araújo
Editora Responsável da Revista Educação em Questão

É tempo de Natal.
As noites são de festa.
A cidade, vestida de esplendores,
Compete com as estrelas
Em brilhos, luz e cores.
Nas lojas, as pessoas se aglomeram
Em busca de presentes.
Todos se esmeram para viver intensamente
Momentos efusivos de alegria geral
E as crianças,
Envoltas num manto de magia,
Sonham com seus presentes de Natal.

Celebra-se, no mundo inteiro, o nascimento
De uma criança, em terras da Judéia,
Nas cercanias do burgo de Belém,
A quem chamaram de Jesus.



A Bíblia pouco nos revela
Sobre os pormenores de tal evento:
Cumprindo as profecias,
Anjos anunciando a vinda do Messias
Aos pastores e a todos os que são por Ele amados;
Reis vindos do oriente guiados por uma estrela,
Seguindo seu rastro de luz.

O teu nascimento, ó Jesus,
Com Maria, José, o jumentinho na gruta de Belém...
Foi tudo tão sublime, tão bíblico e divinal
Que tamanha transcendência
Ascende aos limites do sobrenatural.

É verdade que um rei malvado e barbudo da Judéia,
Com raiva e medo de perder seu trono
Fez uma chacina geral de criancinhas
Para te destruir e matar.
Mas tu escapaste à espada, e te tornaste
Um garoto sadio, bem alimentado e educado
Nas letras, pois teu suposto pai, José, carpinteiro de função,
Nada deixava faltar nessa família,
Com a renda de sua profissão,
E exibias, naturalmente, sem alarde nem louvores,
Conhecimento e sabedoria,
Que surpreendia sábios e doutores.



Já o nascimento das crianças brasileiras
Nestas terras ensolaradas de Tupã,
Assim como as circunstâncias de suas existências
Nestas terras brasis, são, evidentemente,
Várias e diferentes.

Aqui, as crianças, por puro instinto lúdico,
Vão fazendo da vida um aprendizado:
É a folha verde que balança ao vento,
É a borboleta que agita as asas,
É um aceno de mão,
É a chuva fazendo barulho no telhado,

É o farfalhar dos passos sobre as folhas
Caídas, espalhadas pelo chão.

É o brilho do sol, a claridade da lua,
E a natureza objeto-brinquedo, a desafiar a imaginação.
Depois chegam os sininhos, os chocalhos,
Os carrinhos, as bonecas, os bichinhos preferidos;
E desta maneira,
A imitação dos gestos dos adultos, são aprendizagens
Para a vida inteira.

Felizmente, há a rua.
A rua é para as crianças palco, arena, escola, paraíso.
Paraíso porque é nela que elas brincam com alegria incontida:
É bodoque, é pião, é carrapeta,
É peteca, é matraca,
É bola de gude, passa anel, é gato e rato,
esconde-esconde, é chicote queimado, é amarelinha,



É cinco-marias, é pique, é queimada,
Tudo prá criança está na moda:
Pular corda, brincar de roda, soltar pipa.....

Paraíso e escola: nela, a criança
Aprende a ganhar e a perder,
A acatar regras, a tornar-se segura e confiante.
A competir com os outros dessa idade,
A participar, a ser eliminada,
A enfrentar a nova realidade...

A realidade:
É dessa realidade, que vai além do sonho,

Realidade, que pode ser um pesadelo,
Que eu quero te falar, em minha história.
Por isso, ó Deus menino,
Acompanha-me neste passeio sem ventura,
Vem conhecer os lances trágicos
Da história que eu quero te contar
Destas nossas crianças brasileiras
Que vivem pelas ruas, ao relento,
E pelas quais, talvez tenha bem valido a pena
Teres vindo à terra e teres sido crucificado numa cruz
Para resgatá-las de tanto abandono e sofrimento.

Não é a mesma história que te ensinou Pessoa,
Que te levava pela mão, pelos caminhos a cantar.
Minha história é outra.
È a história das crianças que estão em qualquer parte,
Nas casas, nas escolas, nas ruas, nas praias,
Crianças de destinos vários.



Umás que têm família, e são amadas,
Outras que nem têm e são usadas,
As que trabalham, as que estudam, as que
cheiram cola, as que roubam
E dormem nas calçadas.
Esses rostinhos mulatos, brancos, negros e mestiços
Que perambulam por aí, sem rumo,
Alguns até desfilam na TV e nos anúncios da mídia,
Nos rótulos de tantos e tantos produtos de consumo.

Rostos, e sorrisos, enfim,
A que o comércio e a indústria de produtos infantis
lançam mão para aumentar
Sua participação
Na economia da nação.

É bem verdade que uma vez por ano
Comércio, indústria e mídia, via rede Globo
Fazem uma aliança de cidadania
E para que as crianças sonhem com futuros de bonança
Promovem a semana humanitária
Da criança esperança.
Mas quanta distância entre o mundo infantil
Dos relatórios da UNESCO
E das organizações oficiais,
E aquele no qual a criança está imersa a cada dia.
São dois mundo opostos, não duvidem,
O mundo da criança tal qual ela deveria ser,
E o mundo onde o terror ocorre,
Aquele onde ela vive ou sobrevive
E, ó horror, onde ela até mata, ou vítima da violência, também morre.



A criança precisa de carinho!
A criança deve ir para a escola
O tempo da infância é pra brincar!
Vamos torcer para que ela seja sempre feliz!
Ah! Os estereótipos da criança ideal:
Saudável, sem fome, obediente,
Sem vícios, promessa de virtudes
Imagem ideal de criança amada,
Rodeada de carinhos e brinquedos
- Artesanais, mecânicos, eletrônicos,
E vejam só aonde vai o desperdício e a petulância:
Crianças ganhando de presente
Celulares ZTE, tecnologia 3G,
E viagens à Disneilândia!

334

Mas também há outra imagem,
E esta bem mais real, mais cruel e permanente,
Onde a barbárie é perpetrada contra a criança a cada dia,
Materializada no trabalho infantil,
Na exploração sexual,
No uso imundo que o tráfico de drogas
Faz de menores carentes.

Eis crianças menores nas minas de carvão e indústria têxtil,
Eis crianças raptadas e arrancadas da família
Para servir à clientela doentia de pedófilos.
São mundos opostos que se contrapõem
Na contra-mão,
Em imagens radicais,
De exploração *versus* saciedade,
Fruto de uma sociedade



Injusta na distribuição de sua riqueza, que só faz aumentar,
Avara na oferta de escola para todos,
Vincada pelas marcas de um escravismo
Que teima em perdurar.

E isso vem de longe nessa nossa história.
Já estava presente na epopéia náutica dos descobridores
Onde crianças desacompanhadas, ou abandonadas, ou órfãs,
Ou arrancadas à força
E jogadas nos navios à revelia de seus pais
Eram as que mais sofriam em alto mar

Quantas foram escravizadas e forçadas a tra-
balhar nos navios corsários;
Quantas tiveram até bem pior sorte:
Foram prostituídas e exauridas
Até a morte,

Quantas largadas e abandonadas por essas ilhas,
Quantas vendidas nos bordéis e nos mercados piratas das Antilhas.
Ah! Afonso Celso, *Porque me ufano de meu país!*
Até porque a história trágico-marítima das crianças,
Essa história de dor e de conflito
Entre o mundo adulto e o universo infantil,
É uma história sem memória,
Que não costuma ser lembrada em nossas aulas de história!

E a epopéia náutica dos descobridores
Trazia as quinhas nas caravelas,
Lembrando as cinco chagas da paixão.
E as caravelas traziam, com os marujos, missionários jesuítas,
Dispostos a fazer a conversão



Do gentio pelo temor e sujeição,
Em rígido sistema disciplinar de vigilância e castigos.
Para afastar nossas crianças de seus bárbaros costumes
E moldá-las, qual cera branda, no afã
De nelas imprimir os caracteres
Da fé e da virtude cristã!

E para aumentar o exército dos novos batizados
Nestas terras tupis,
Organizaram até um clero nativo
Que saia a batizar em nome de Tupã:

*Ixê oromoiáçuc Tupã
Tûba tûba réra pupê
Tupã taíra abe
Tupã Espírito Santo,
Abe, Amén!*

336

E nestas terras de Santa Cruz
São batizadas, evangelizadas, educadas
Crianças indígenas, portuguesas, mestiças,
E os meninos que mais se destacassem
Teriam o privilégio de estudar gramática,
E até, quem sabe, teologia,
Na casa dos padres,
Ou no colégio dos Meninos de Jesus,
Cujas lavouras, cultivadas pelos alunos sob cânticos e rezas –
Ora pro nobis!
Os alimentavam e vestiam.

Só que o patrimônio dos padres cresceu tanto
Que passou a ser malvisto por fidalgos portugueses



Que, sem ironias,
Mais do que fazendas,
Queriam, até, capitânias!

E aí chegou Pombal para acabar
Com a mamata jesuíta,
Seus feudos, seus fundos e suas dotações régias,
E sem ligar pra excomunhão dos padres em revolta,
Lhes mostrou o caminho de volta.

E as escolas jesuítas, que eram poucas e de poucos
Se fecharam definitivamente
Para as crianças do povo.
O ensino público instalado, precariamente, por Pombal
Indicou para os filhos dos pobres
Outra escola: o trabalho nas fazendas,
Onde eles se tornariam úteis e produtivos
Sem precisar de esmolos!

E assim, por muito e muito tempo, nestas terras,
O trabalho infantil para as camadas subalternas
Passou a ser visto como a melhor escola!
E eis novamente a sociedade
Empurrando as crianças na direção da lavoura.
E, dos campos para as ruas
Tornam-se donos do pior dos mundos:
Entregues à miséria,
Despossuídos da condição de seres humanos,
Despossuídos das necessidades básicas –
alimentação, saúde, educação –,
São transformados



Em dejetos sociais, enchendo as ruas
E sendo chamados e tratados
De vagabundos.

São os filhos da rua, e a rua
É seu meio de vida e também o centro de seu mundo.
Pivetes que vivem do furto, vadiagem, mendicância, prostituição...
Suas armas de sobrevivência? A esperteza e malícia.
Mas que tratem de ser espertos mesmo,
Para não caírem nas malhas da polícia
e serem recolhidos e enclausurados como ladrões vadios,
Dentro dos muros da FEBEM.
Aí as fugas são constantes, a maioria das vezes coletivas.
Aí eles, bem cedo,
Aprenderão, entre si, o manejo das armas
E se iniciarão em exercícios de combates
E ao virarem adultos
Vão ser bravos soldados para defender a pátria!

Escolas, igreja, unidades da Febem,
O sistema social e econômico
Fazem com que milhares de seres do universo infantil
Precocemente, se transformem
Em gente grande.
É como se tudo isso gerasse
Nas margens da sociedade
Uma brutal delinqüência juvenil.
Crianças espalhadas, como gado
Nas colheitas de extensas fazendas de café,
Crianças severamente castigadas
Brincando entre engrenagens de máquinas,



Crianças vítimas da violência sexual,
Crianças mão-de-obra explorada.

Tantas e tantas instituições de confinamento
Onde, ao invés de mecanismos de inclusão
Constituídos,
A criança acha, para toda a vida
Profundos, definitivos,
Os estigmas da exclusão.

A vida de criança, nestas terras, não é fácil.
Há crueldades e malícia
Geradas nas famílias, nas ruas, nas escolas,
No confronto de gangues,
Entre traficantes e polícia.
Por aqui é comum meninos andarem pelas ruas,
Que para muitos é também a sua escola,
Acostumados a viver todo tipo de carências:

Culturais, psicológicas, sociais, econômicas.
– Suas autênticas marcas de nobreza! –
É a alegada delinqüência
Latente da pobreza!
Mas quanto exagero e pessimismo, dirão uns.
Francamente, esse cara tem um falar equivocado!
Até parece desconhecer
Que em cada município existe um Conselho Tutelar
Autônomo e permanente
A zelar pelos direitos da criança e adolescente.
Nenhuma criança será objeto de negligência,
Exploração, violência, discriminação



Crueldade e opressão,
E será punido na forma da lei
Qualquer atentado à sua dignidade e aos seus direitos.
Enfim, em termos radicais
Elas estão redimidas pelo estatuto da criança,
Nutrido pela excelência das políticas sociais!

Por isso há ONGS que respondem
Pelos carentes vítimas da violência.
É a participação filantrópica da sociedade
Com o apoio das iniciativas
Empresariais.
É um novo tempo, também,
Da co-participação
No atendimento aos meninos de rua,
Que vão sendo reeducados
zelosamente, atentamente, carinhosamente,
Nas pedagogias da FEBEM.

Meus irmãos, brasileiros, cidadãos,
Vocês se queixam, com certeza,
Da mais evidenciada pobreza?
E da escalada do crime e da violência
Que ganham as manchetes dos jornais, rádio e televisão?
E porque neste domínio
Crescem tanto as milícias privadas?
E os grupos de extermínio?

É que nosso empresariado ainda não dirimiu a grande dúvida
Que paira nos opostos:
Faz filantropia para ajudar as crianças,
Ou para reduzir os seus impostos?



E enquanto isso,
A criança, e suas atenções
Vão se tornando o meio para o continuísmo
Das burocracias públicas e privadas,
Nessa montagem do grande espetáculo das comiserações!

Pois vocês sabem,
Muitas delas, são vítimas da síndrome da criança espancada!
Outras, pelo contrário: dão um passo mais alto:
Operam no terceiro ramo mais lucrativo da economia,
Que é o narcotráfico.
É o progresso,
Que as introduz no círculo vicioso
Da miséria, da exclusão social, da violência,
De populações excluídas do universo da produção e do consumo.
São nossas crianças das ruas
Transformadas em meninos e meninas de rua.

341

É tempo de Natal,
É tempo de esperança,
No berço, uma criança
Convida à alegria.
As noites são de festa
E confraternização,
Os homens dão-se as mãos
Em paz e harmonia.

Envolve a humanidade
Um mistério profundo:
A criança que nasce
É promessa do futuro
E salvação do mundo.



Mas quanto a ti,
Criança brasileira,
Charneca onde a sociedade
Plantou desamor:
Quando, enfim, viverás
Teu sonho de esperança?
Quem irá decifrar
O sentido secreto
De teu grito de dor?
Que imagem tem teu rosto?
O que resta da tua dignidade?
Onde anda tua voz?
Onde a criança simplesmente criança?

Quando é que passarás
Do anonimato dos desconhecidos

À condição de cidadão
Com direitos e deveres reconhecidos?
Quando um novo compromisso com a criança
Nascerá?
Quando uma nova responsabilidade pela criança
Nascerá?
Quando uma onda de solidariedade universal com a infância
Nascerá?
Quando uma nova consciência sobre a infância
Nascerá?



Ó senhor,
Criança da gruta de Belém,
Que trazes à humanidade sofredora
A Boa-Nova
Que em tua missão profética,
Anunciaste tua vida inteira
Ajuda-nos, Senhor, a construir
Uma ética
Para a infância brasileira.

Prof. Dr. José Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN
Integrante da Base de Pesquisa Educação Inclusiva
E-mail | profjpires@gmail.com